ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

A vida pública - A dinâmica contemporânea e a experiência no diálogo entre corpo, arquitetura e projeto

Autores:
Maria Isabel Villac - Universidade Presbiteriana Mackenzie - belvillac@gmail.com
Danielle Alves Lessio - Universidade Presbiteriana Mackenzie - danielle.lessio@gmail.com

Resumo:

Apresenta-se aqui uma reflexão sobre o Projeto de Arquitetura e Cidade no momento contemporâneo e como apreender a experiência cotidiana no Projeto. A necessidade da arquitetura e do urbanismo possuírem lógicas híbridas e heterogêneas constantemente se reafirmam para assimilar estas condições. O campo ampliado, o olhar sensível e a pesquisa empírica são alguns dos elementos que podem mediar a poética necessária para a compreensão das práticas contemporâneas. Esta aproximação trazida por diferentes campos enfatiza a prática transdisciplinar como pensamento essencial para novas propostas que busquem cada vez mais reconhecer a vida pública, a relação entre corpo e espaço e as apropriações que transcendem o esperado e padronizado. Por meio desta lógica, é estabelecido um olhar projetual que compreende a cidade não apenas como espaço de fluxo e infraestrutura, mas como de vínculos afetivos, conflitos e manifestações diversas, e que assume seu compromisso perante tais acontecimentos.

A VIDA PÚBLICA

A dinâmica contemporânea e a experiência no diálogo entre corpo, arquitetura e projeto

INTRODUÇÃO

> "O projeto não existe mais em si, isolado, implantado numa paisagem limpa. A arquitetura é uma investigação num horizonte congestionado, mais um signo inscrito num intrincado campo linguístico. A cidade é polifonia." (PEIXOTO, 1996, p. 534)

Pensar o Projeto de Arquitetura e Cidade no momento contemporâneo é reaver sua importância e protagonismo na construção da cidade e na importância da vida pública contemporânea. Quando e somente quando, assume uma posição crítica, inovadora, ética e à frente das conjunturas impostas por um momento histórico alienado das questões intrínsecas à experiência urbana. Quando e somente quando se propõe investigar não a importação de postulados teóricos e instrumentos metodológicos específicos e estáveis, advindos de outro continente, que correriam o risco de agregarem mais uma interpretação dos países do centro capitalista apropriada à periferia, para compor o rol enviesado das "ideias fora do lugar" (SCHWARZ, 1973) e servir de modelo aplicado em áreas seletivas que deixam grande parte das cidades como "lugares fora das ideias" (MARICATO, 2000). Quando e somente quando se associa ao mapeamento da cidade "real" em tempo e espaço e a questões socioculturais e políticas intrínsecas às suas formas e se propõe a estabelecer um "campo de tensões [original em cursiva] entre enfoques e perspectivas diferenciadas, que vão tomando corpo na negociação, sempre provisória, com seu objeto de conhecimento" (GORELIK, 2011).

O projeto, ao comprometer-se com o contemporâneo, se alinha a estas premissas e situa-se dentro de uma linhagem que atribui um papel central para a própria situação humana em seus modos de expressividade, de tal forma que ela possa trazer o sentido do vivido em seus contextos de existência (MERLEAU-PONTY)[1]: experiência de corporeidade.

[1] "(...) por inerência daquele que vê naquilo que ele vê, daquele que toca naquilo que ele toca, do senciente no sentido (...)". (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 17)

ARTE E ARQUITETURA REVISITANDO O CAMPO AMPLIADO

> "Há então, longa e paulatinamente, a passagem desta posição de querer criar um mundo estético, mundo-arte, superposição de uma estrutura sobre o cotidiano, para a de descobrir os elementos desse cotidiano, do comportamento humano, e transformá-lo por suas próprias leis, por proposições abertas, não condicionadas, único meio possível como ponto de partida para isso. Está claro que a 'ideação' anterior substitui a 'fenomenação' de hoje." (OITICICA, 1986, p. 120)

Figura 01: Tropicália, Hélio Oiticica, 1960.

A arquitetura e o urbanismo têm sua própria lógica interna, seu conjunto de regras, mas seu saber é fundamentalmente híbrido. Na contemporaneidade, tem atuado, cada vez mais, no entrecruzamento de linguagens, conceitos e formas, questionando antinomias, incluídas "a separação entre corpo e mente, práxis e poiesis, consciente e inconsciente" (SANTOS, 2007, p. 58). Ao abranger, portanto, campos heterogêneos antes não contemplados, que também operam sentidos não condicionados apenas pela razão e a lógica, mas igualmente aqueles da estética, da poesia e do imaginário, a arquitetura ganha novos contornos e reúne, às suas singularidades, a qualidade de "campo ampliado" (KRAUSS, s/d).

Neste contexto, o conceito de campo ampliado expandiu as noções de escultura por meio de uma revisão deste termo e uma nova definição, criando um complexo entre arte-arquitetura-paisagem. Estas atuações questionam os limites e condições da arte perante a sociedade. A crítica Rosalind Krauss teoriza sobre a necessidade de dilatar o significado do

termo “escultura”, transformando a noção do fazer artístico. Este campo ampliado que une arte e arquitetura emerge como pensamento transdisciplinar valioso. É nestas circunstâncias que a investigação e revisão sobre a relação de projeto com diversas outras disciplinas chega ao ápice. Fortificam-se conexões que buscam cada vez mais esta expansão e sobreposição de conceitos e ideias, consolidando atuações poéticas e que possuem uma visão pluralista sobre a vida pública, o conhecimento e a prática.

Tal ligação entre os campos artísticos e projetuais, aqui enfatizada, se faz presente em algumas ações principalmente a partir de 1960, época em que as obras de arte se deslocaram dos museus e galerias para as ruas da cidade, e tem cada vez mais se comportado como elemento simbólico de resistência ao unir em ações de percepção sensível questões de relevância urbana e social. A transição ocorrida na década de 1960 foi emblemática ao evidenciar a importância de um engajamento político e que transcende as áreas de atuação de artistas e arquitetos, de modo a destacar a necessidade de pensamentos plurais, que condizem com a multiplicidade da cidade. Essa expansão de campos buscou uma aproximação com a vida cotidiana por meio da participação do observador como elemento imprescindível e pelo entendimento de que a experiência é mais relevante do que qualquer objeto final, tornando-se algo não comercializável.

Algumas décadas mais adiante, principalmente nos anos 1970 e 1980, é possível ver atuações como as de Richard Serra, que passa a estabelecer uma relação intensa entre a arte e sua dimensão pública. Os trabalhos de chapas de aço corten em espaços públicos de Serra clarificam a miscelânea em que se encontram alguns projetos e esculturas. Sobre o acontecimento que abrange esse campo ampliado, o artista afirma ser um instrumento capaz de “revelar o conteúdo, o caráter e a estrutura de um espaço e de um lugar usando certos elementos para definir uma estrutura física” (SERRA, 2014, p. 35). Ou seja, por meio de ações que escapam da alienação, é possível anunciar e denunciar o caráter de um lugar utilizando-se de elementos que gerem novas experiências espaciais. O espaço não é percebido apenas como lacuna a ser preenchida pela arte e pelo projeto, mas como lugar real que estabelece uma relação indissociável com a obra e com o público.

A observação das obras de Serra evidencia tal questão ao se distanciar claramente da percepção clássica de qualquer obra de arte, em geral com um observador estático perante a escultura ou a pintura. A união entre arte e arquitetura exige uma experiência para a apreensão do objeto, exige movimento, interação e vivência. Assim, torna-se diretamente associada não apenas ao seu espaço, como também à passagem do tempo e ao cotidiano, para deste modo compor uma imersão poética em sua plenitude.

Figura 02: Tilted Arc, Richard Serra, 1981.

Isso faz com que além de abordar as questões do espaço como parte essencial da forma artística, o campo ampliado engloba também questões referentes ao tempo e a experiência. O olhar sensível que une estes diferentes conceitos torna a percepção e a compreensão do espaço único para cada indivíduo.

Aproximando-se do contexto brasileiro nesta visão do nexo projeto e arte, os caminhos seguidos pela produção nacional também evidenciam a importância deste tipo de atuação, é possível destacar produções valiosas e acontecimentos que se aproximam da prática da transdisciplinaridade como a produção Neoconcreta a partir de 1959. O Movimento Neoconcreto abordava conceitos referentes à experiência de uma obra e evidenciava a importância de sua significação. “A arte neoconcreta funda um novo ‘espaço’ expressivo” (CASTRO et al, 1959). Vemos neste movimento o início de uma arte nacional mais participativa.

> “A arte neoconcreta visa à fundação de um novo espaço expressivo: pela renovação da linguagem construtiva, revitalizando propostas suprematistas, neoplásticas e construtivistas; propondo um novo objeto para a pintura; libertando-a da tela e realizando-a no espaço real; rompendo com as categorias estéticas fundadas na obra de arte como objeto autônomo e isolado, e tomando o objeto estético como objeto relacional.” (FAVARETTO, 2000, p. 40)

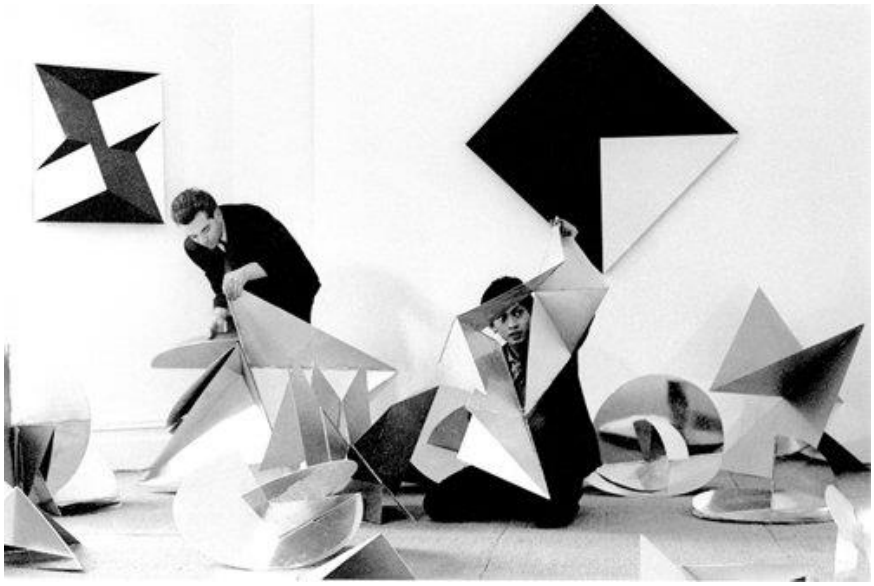

Figura 03: Serie Bichos, Lygia Clark, 1960-1964

Ainda em contexto nacional, observa-se a expansão de conceitos e união entre ação artística e projetual em eventos mais próximos da atualidade como as ações do Arte/ Cidade que ocorreram de 1994 a 2002 e atuaram como pontos que buscavam constantemente transformar e repensar a relação entre arte, paisagem e indivíduo. O evento já contou com quatro edições e encontra-se próximo de elaborar mais uma ação, são elas: Cidade Sem Janelas (1994), A Cidade e seus Fluxos (1994), A Cidade e suas Histórias (1997), Zona Leste (2002) e Linha Metálica (em andamento). Sua proposta consiste em convidar artistas e arquitetos para explorar questões referentes aos territórios urbanos da cidade de São Paulo por meio de distintas intervenções *site specific*, que transpõem a expressão artística padrão contida dentro de galerias e que aludem às dinâmicas e problemáticas da cidade ao converterem o território urbano em campo de ação artística.

Desde sua primeira edição, Cidade Sem Janelas, o projeto utiliza a noção de campo ampliado da arte ao relacionar objetos artísticos com indagações sobre condicionantes, potencialidades e deficiências de um território. Com isso, a ação comporta obras que se mantém como manifestações referentes às dinâmicas urbanas e como ferramentas que propõem a ativação de espaços públicos em conjunto com a utilização da infraestrutura urbana existente ao estabelecer um novo vínculo com o território que possibilite relações desconhecidas em uma paisagem já automatizada.

Figura 04: Periscópio, Guto Lacaz, 1994.

A questão do projeto sensível que observa a experiência e o cotidiano, seja com a mediação da arte ou de outras disciplinas, permanece atual e necessária. As intensas transformações ocorridas na cidade e na arquitetura, assim como o atual cenário político e social, são fatores determinantes para que o este estudo e problemática seja constantemente revisitado.

> "Assistimos, nos últimos anos, a um fenômeno que viria alterar por completo os parâmetros de avaliação dos processos no espaço urbano (...) Não é mais possível conceber projetos para o espaço urbano sem considerar essa nova dinâmica. Dada a crescente complexidade espacial, institucional e social das configurações metropolitanas, toda intervenção tem de levar em conta esse intenso processo de reestruturação das cidades." (PEIXOTO, 2011, p. 42)

O complexo entre espaço público e suas possíveis apropriações necessita cada vez mais ser compreendido de modo que escape o pensamento binário e restritivo. Deve-se compreender e explorar os questionamentos referentes à capacidade de um território abrigar outros usos e experiências além dos esperados, para que seja possível se aproximar cada vez mais da ligação afetiva presente entre o lugar e os indivíduos que dele usufruem. Para além das relações imaginadas, se faz relevante evidenciar atuações capazes de observar o cotidiano, transcender as ações alienantes e subverter dinâmicas esperadas.

PROJETO E DINÂMICA DA VIDA PÚBLICA CONTEMPORÂNEA

À vida urbana contemporânea interessam projetos e práticas que colocam grande estoque na poética do uso e apropriação na produção de significado de uso publico do espaço e que trabalham com vestígios de utilização da materialidade urbana, que concebem o uso como pátina, ao invés de desgaste. Ao incorporar, como dado de projeto, a experiência do "outro", tem se aproximado de práticas transdisciplinares advindas de novas propostas em pesquisa, que “procuram transcender as perspectivas disciplinares anteriores mediante a conceituação de novos objetos, concepções e métodos” (SANTOS, 2007, p. 58).

Na busca de "retratos do cotidiano", o projeto contemporâneo entende "lugar" como aquele onde a igualdade de cidadania se revela na convivência da diferença e da bricolagem de culturas: estruturas físicas apropriadas, onde a expressão de resistência e ressignificação cidadãs se unem, se aproximam e encontram recinto. Espaços e estruturas substantivados por ações individuais e coletivas, em repetição e de forma eventual, que ocorrem desvinculadas da ideia de excepcionalidade e espetacularidade.

À Arquitetura e ao Urbanismo e para o Projeto de arquitetura e urbanismo, o uso polivalente dos elementos arquitetônicos urbanos cobram valor no gesto espontâneo que se desenvolve em termos de relações perceptivas, de conexões transversais entre as formas construídas e aquelas sensoriais e sociais.

Ao Projeto dos elementos, das estruturas e da cidade requer reconhecer padrões de urbanidade que acolhem diferenças; lançar luz sobre motivações subjacentes e contextos peculiares – simbólicos e alegóricos -, em que a prática é desenvolvida; informar e distinguir a ação do corpo e dos sentidos como centro das questões sobre o meio ambiente urbano, cada vez mais privatizado ou não apropriado.

Reconhecer que o desejo de uma vida pública, vitalizada, se expressa primordialmente através uma atitude corporal, pressupõe uma ordem não assumida e incorporada pelo projeto da arquitetura e do urbanismo, que assinala, em linhas gerais, um descolamento entre representação e contexto na produção do ambiente construído. (VILLAC et al., 2017, p. 38-39). Outra ordem torna visível — como reconhecimento da pluralidade de sentidos do espaço —, os distintos níveis de complexidade e os múltiplos aspectos das relações que se estabelecem entre os saberes da disciplina e a experiência da cidade como habitat.

A cidade, deste modo, pode ser compreendida como espaço de apropriações que vão além dos planejamentos esperados e vistos como padrão. Portanto, esta deve se estabelecer não apenas como espaço de fluxo e de infraestrutura, mas também de vínculos afetivos, conflitos e manifestações diversas que divergem de qualquer tipo de padronização.

A percepção aguçada e a relação afetiva entre indivíduo e cidade são muitas vezes perdidas em meio às dinâmicas caóticas da cidade, a apreensão do espaço público passa a ser amortecida, abandonada e as deficiências urbanas naturalizadas pelo observador. Esta intensificação de um novo olhar do observador faz com que o homem reflita de maneira

consciente sobre a realidade do espaço público contemporâneo. Se faz presente outro termo, que excede o planejamento e a ordenação e estabelece uma abertura para o estranho.

Ao enfatizar a heterogeneidade e as inúmeras outras possibilidades que a cidade abriga, são reconhecidas suas mais diversas apropriações, até mesmo as que escapam o padrão. Esta admissão do outro procura considerar a composição do espaço público por elementos que vão além de infraestruturas básicas e usos projetados, estabelecendo laços afetivos com os indivíduos que experimentam o local.

Com isso, acredita-se que apropriações que divergem dos usos a que foram condicionados previamente, podem causar um despertar das forças perceptivas. Como uma resistência, estas manifestações buscam evidenciar para os observadores como as relações do espaço são diversas, estimulando o pensamento crítico e questionador de modo a refletir sobre a relação entre os indivíduos e os espaços públicos da cidade. Esta análise, portanto, salienta a relevância da intervenção artística perante o espaço urbano ao atuar com o objetivo de provocar no espectador outra reflexão sobre o território. O referente campo ampliado que une arte e arquitetura torna-se um pensamento valioso ao evidenciar tais relações.

A EXPERIÊNCIA DA VIDA PÚBLICA E O PROJETO DE CIDADE

Em que medida estão os arquitetos preparados para se envolver em processos de uso e apropriação? Como podem os arquitetos incorporar a experiência e dela se apropriar em seus projetos de arquitetura e cidade e no processo de projeto? Como pode a teoria renovar-se? A oposição de concepção e utilização, de autonomia e heteronomia, pode ser um campo de força produtivo para a produção arquitetônica, como uma dialética a ser articulada espacialmente e da qual o projeto da arquitetura e da cidade podem derivar significado?

A PRIMEIRA CONSIDERAÇÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO OLHAR

A experiência, como uma questão para o arquiteto, orienta pensar o projeto solidário ao efetivo uso da cidade, as ações de errância ou de convivência, apoiadas na materialidade urbana, em contemplação, em ação, na desatenção. Todas aquelas que deixam marcas na cidade. O Projeto que ampara e tende a agenciar a pluralidade da dinâmica da vida urbana, com um desenho que valoriza a experiência, se destaca da esfera normativa. A "experiência" diz respeito ao uso público do espaço, às "táticas" (CERTEAU 2011) que escapam das "estratégias" que excluem (ARANTES, 2007) e da "urbanidade" que controla e programa comportamentos (KOOLHAAS, 2010, p. 96).

A importância da existência destas táticas de resistência, que não atuem dentro de uma organização ordenadora, é clara ao evidenciarmos as potencialidades de um espaço público que se abre para a multiplicidade e abriga relações diversas. Faz-se necessário enfatizar, neste contexto, a importância de um olhar aguçado e da experiência dos indivíduos perante a cidade e suas dinâmicas. Esta percepção sensível dá abertura para uma nova

compreensão do território, que assimila a possibilidade de uma terceira margem e apreende criticamente as estruturas urbanas.

O arquiteto que aprende com a experiência se aproxima e se envolve com a experiência da vida pública e, também ele, se assume como sujeito da experiência. O arquiteto, sujeito da experiência, defende a primazia da prática por sobre a teoria (ARGAN 1961, p. 102). Renova a arquitetura e o urbanismo "através da crítica" (ARGAN, 1961, p. 23). Projeta, não uma criação livre e compositiva, mas sim uma arquitetura que se posiciona como "resposta direta às exigências da vida e cujo projeto não pretende ser inventivo, mas essencialmente crítico" (ARGAN 1961, p. 23).

O que implica abandonar uma "fé perceptiva" que se apoia somente em um conhecimento prévio e um saber erudito que se impõe. Porque “supõe um mundo pleno (...) [em que] tudo se compõe, então, numa coesão compacta e lisa, indefectível (...) [que] desconhece lacunas e incoerências (...) e projeta, assim, um mundo contínuo e coerente, e acredita fruir e restituir – ainda que por prestações parcelares – a sua integralidade” (CARDOSO, 1988, p. 349).

O arquiteto, que se dispõe a fazer a crítica às práticas de projeto exercidas dentro da tradicional separação entre a autonomia da concepção e que assume um compromisso para incorporar uma experiência previa de espaço, se predispõe a outra consistência em seu olhar. Que, “ao invés, pois, da dispersão horizontal da visão” (CARDOSO, 1988, p. 349), um olhar que, na procura de "um campo de significações", conjugue a atividade e as virtudes daquele que olha o foco da investigação.

O olhar se apresenta, portanto, como um elemento de grande importância para que outros entendimentos e apropriações do espaço público se consolidem. Por meio do exercício de um olhar atento, a experiência de estar no espaço público ultrapassa uma percepção pasteurizada para que então ocorra uma relação mais afetiva e sensível entre indivíduo e cidade.

Um olhar cuja têmpera não se faça “espelho... Como se renunciasse a sua própria espessura e profundidade para reduzir-se a esta membrana sensível em que o mundo imprime seus relevos”. Mas se enrede “nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento” (CARDOSO, 1988, p. 349). Um olhar que, em busca de outro raciocínio para o projeto de uma arquitetura sócio critica que, explicitamente aborda questões de uso e apropriação, “não deriva sobre uma superfície plana, mas escava (...) mirando as frestas deste mundo instável (...) que instiga e provoca a cada instante sua empresa de inspeção e interrogação” (CARDOSO, 1988, p. 349).

Esta percepção causada pelo olhar se difere em grande parte da visão comum que temos do espaço. Em meio a uma rotina de tarefas e fluxos incessantes, a pausa e o olhar são suprimidos enquanto a visão rasa se ajusta perfeitamente ao cotidiano de movimento constante e a proposta de homogeneização e ordenação do espaço, de modo a evitar apreensões críticas e profundas das dinâmicas presentes. Com isso, compreende-se a diferença entre os conceitos de ver e olhar.

O primeiro seria, portanto, um ato de maior passividade, resguardado, que não observa o espaço de modo sensível e questionador. Enquanto o ver se configura como um movimento automático e acrítico, o olhar se apresenta como ação de maior profundidade e questionamento. Atenta-se para fatores invisíveis no espaço, não apenas para as dimensões e elementos já enunciados. As táticas descritas se estabelecem como ferramentas que, ao serem inseridas no espaço público, podem gerar uma quebra na visão alienada e incitar ao indivíduo um olhar atento perante as questões urbanas, arquitetônicas e sociais da cidade.

> "Uma das principais funções e poderes da Arte é revelar, tornar sensíveis e conscientes esses rituais teatrais cotidianos, espetáculos que nos passam desapercebidos, embora sejam potentes formas de dominação. Para ocupar nossos territórios necessitamos perceber o mundo onde vivemos."(BOAL, 2009, p. 141).

Esta sensibilidade descrita por Boal pode ser entendida como uma ativação da percepção, estimulando o olhar atento. Vemos assim, o olhar e a visão como conceitos essenciais para que se compreenda como atuar na relação entre projeto e experiência.

SEGUNDA CONSIDERAÇÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA: NOVOS PROCEDIMENTOS

Um olhar que se atualiza e se posiciona de maneira crítica e sem convencionalismos, refuta preceitos ultrapassados em relação às dinâmicas urbanas reais. A mudança do olhar é premissa para uma aproximação à cidade real e às ações urbanas de vida pública. Da mesma forma, um novo léxico que proponha revisar palavras e conceitos que possam dar substrato a projetos que respondam pelo compromisso com a transformação e a renovação de arquiteturas e áreas urbanas.

Um olhar teoricamente orientado, que vá concretamente ao encontro de outra sensibilidade e à revisão do repertório interpretativo e da concepção do projeto, lança luz de um quadro conceitual com outra espessura, as motivações subjacentes e o contexto específico em que esta prática se desenvolve. Enfim, à construção de um horizonte híbrido e delineado por uma "constelação de conceitos" que conversam entre si e se contaminam e pela interdisciplinaridade, ao abrigar interfaces de interesses intelectuais, envolvimentos acadêmicos e contribuições singulares de diferentes áreas do conhecimento. Uma nova prática específica de projeto, desperta ao interesse etnográfico, a uma perspectiva crítica, ao primado da experiência, se organiza entre o raciocínio abstrato e a ação ancorada na materialidade da cidade.

Ao enfatizar a heterogeneidade e as inúmeras outras possibilidades que a cidade abriga, são reconhecidas suas mais diversas apropriações, até mesmo as que escapam o padrão. Esta admissão do outro procura considerar a composição do espaço público por elementos que vão além de infraestruturas básicas e usos projetados, estabelecendo laços afetivos com os indivíduos que experimentam o local.

A compreensão deste outro termo, que excede o planejamento e a ordenação, estabelece uma abertura para ações transdisciplinares de estranhamento. Este tipo de atuação busca o escape de um olhar para a cidade que seja condicionado. Com isso, acredita-se que novas apropriações, que divergem dos usos a que foram condicionados previamente, podem causar um despertar das forças perceptivas. Como uma resistência, estas manifestações buscam evidenciar para os observadores como as relações do espaço são diversas, estimulando o pensamento crítico e questionador de modo a refletir sobre a relação entre os indivíduos e os espaços públicos da cidade.

Torna-se possível compreender, portanto, a capacidade da relação arte e arquitetura de transformar uma percepção do espaço e provocar no observador outras compreensões das configurações urbanas e da arquitetura de um território.

Com isso compreendemos que a negação do pensamento binário – necessidade de ser apenas um ou outro – contrapõe-se ao entendimento do espaço projetado como algo estático, perfeito e com apropriações imutáveis, e assume as chances do território tornar-se inúmeras possibilidades além das planejadas. Tal formulação implica na existência de estruturas urbanas que permitem relações outras que divergem do padrão estereotipado. Este lugar reconhece a pluralidade de lógicas existentes na cidade e exige do observador a desconstrução do pensamento programado.

UM MÉTODO ABERTO: PESQUISA EMPÍRICA, ARTICULAÇÕES E DESAFIOS

A aproximação ao objeto de pesquisa, pela especificidade do tema e a abordagem, coloca de antemão que o método se constrói no processo de investigação. Em relação às técnicas de pesquisa cabem situar algumas possibilidades de uso combinado, reconhecendo o alcance e limites de cada uma delas: observação direta, aberta à construção de novas tipologias de interpretação; a percepção sensível, que quebra o paradigma da clássica oposição entre o sujeito e o objeto.

Faz-se necessário que os arquitetos e urbanistas compreendam a diversidade do espaço, que escapa de definições unas. Assim, a vida urbana e as diferentes manifestações metropolitanas devem ser compreendidas como parte de uma dinâmica transversa em que o espaço possui usos e apropriações indefinidas.

Ao compreender a capacidade múltipla do espaço e assumir suas potencialidades, vinculadas com a relevância do improvável, impensável, é possível observar o espaço de um novo modo, que se distancia do pensamento ordenador do projeto, dos planos preexistentes para um determinado espaço. Assim, passa-se a abordar o espaço cada vez mais de modo interdisciplinar, não apenas como campo para projetos e predefinição, mas também para a arte, para o outro.

Assim, as ações de um campo poético, que relacione arte, a experiência e o espaço, são compreendidas como uma das possíveis ferramentas para alcançar o terceiro termo no espaço urbano. Estas se utilizam da heterogeneidade associada às características próprias do

espaço como elementos essenciais para compor uma apropriação que solicita que o observador compreenda a complexidade do espaço urbano, ultrapassando o pensamento binário.

Estas intervenções no espaço não são esperadas ou predefinidas. Escapam o “sim e não”, o “isso ou aquilo”, são um terceiro termo, um novo meio de se pensar o lugar. São ações que buscam outros valores para as características da cidade, diferentes das quais associaríamos normalmente. Evidenciando os laços e afetos urbanos que ultrapassam a simples noção de construção e de infraestrutura e atingindo dinâmicas que não são esperadas.

Transcende sistemas esperados e pode ser compreendida como uma das diferentes alternativas e apropriações que se distanciam do projeto comum e da definição estipulada para cada espaço. A atuação projetual aqui descrita ocorre como um elemento que é dissonante em relação à noção de ordenação, de modo a criticar os significados e sistemas predefinidos e buscar uma reflexão, um pensamento não alienado diante das relações urbanas.

PÓS-DESENHOS A PARTIR DA CARTOGRAFIA

O exemplo dado pela observação, em campo, de novos protocolos de uso das estruturas formais existentes, entendidas “como suportes de experiências”, será apropriado e, uma vez compreendida a narrativa encontrada na vida cotidiana, o raciocínio do projeto estará orientado a compor com ela e prolonga-la. Sua produção deve ser pensada como enredo entre duas ordens: «a ordem do discurso encarregado de explicitar, de prescrever e de planejar» (BOUTINET, 2002, p.254) e o "léxico de uma prática".

A EXPERIÊNCIA COMO PROCEDIMENTO DE E PARA O OBRAR DO PROJETO

O Projeto, em sua relação com a dinâmica da vida pública, aprende com o processo, inventa suas próprias táticas de aproximação e elege a experiência como método (ARGAN, 1973). Desta forma, se propõe a dilucidar os processos corporais e mentais que o objeto que pesquisa proporciona em um horizonte de experiência.

Esta trama experimental, exercício do próprio corpo em atividade perceptiva — a corporeidade intersubjetiva (Einfühlung) —, não pode descrever-se de maneira direta e explícita, em explicações objetivas, senão em construções de diálogo, que, por inerência envolvam, "em configurações de sentido, ao sujeito e ao objeto". (VILLAC, 2002). Sua leitura, interpretação e crítica exige a expressão da "experiência viva" , de aproximação entre o sujeito, que dirige o olhar interpretativo, e as ações no território, que o levam ao habitar-pensar enquanto pesquisador .

A pesquisa como "corpo em ação", portanto, como exercício "em ato", é uma totalidade aberta. E porque a ação do corpo na cidade, "mais que o indício de um conceito",

é, antes de tudo, "um acontecimento", no qual distintas percepções ampliam a intuição de seus sentidos, a experiência se quer apresentar de maneira direta.

A relação de envolvimento do pesquisador com o objeto de pesquisa, sua presença, em campo e na ação do registro, abre espaço para uma formulação teórica, advinda da expressão de um raciocínio sociocultural contemporâneo, e permite fundamentar o projeto da arquitetura e da cidade na dimensão do uso do espaço, ou seja, de sua apropriação.

PROJETO CONTEMPORÂNEO

Ao recolocar a experiência do Projeto urbano/arquitetônico em contato com a realidade de hábitos e costumes cotidianos, enquanto expressão de reinterpretações da cultura predominante, se faz palpável a ação do CORPO. Nas culturas das práticas do cotidiano, nos jeitos de corpo dos "praticantes da cidade" (JACQUES, 2006, p. 127), por um lado. Por outro lado, na ação do pesquisador. Que se relaciona e se envolve com o que pesquisa. Pesquisar se assume como exercício de intersubjetividade. Ação que contamina, portanto, o entendimento de uma ciência isenta de subjetividade que isola sujeito e objeto, contrariando aquele "sujeito da experiência [que] torna-se *ratio* enquanto lugar de produção e artefatos" (MATOS, 1996, p. 209).

Para a arquitetura e o urbanismo o terceiro termo se relaciona exatamente com o lugar que excede o estipulado, vai além do que seria natural e planejado, atuando no conflito, na diferença em relação aos preceitos do território. Este pensamento segue a consciência de que um espaço pode se abrir para mudanças que não seguem necessariamente diretrizes, abrigando manifestações que não estão atreladas às ações mecanizadas e acríticas, condicionadas pelo cotidiano, mas sim dinâmicas que procuram romper com o padrão.

O projeto cada vez mais necessita da compreensão e aceitação do acontecimento inusitado, inesperado, da exceção, de modo a entender e absorver o fato de que a cidade e o espaço público são abrigos para as mais diversas situações. Ao colocar tais questões que excedem a noção restritiva do espaço, torna-se mais fácil atuar de modo sensível e observar as dinâmicas urbanas por outro ângulo, não condicionadas ou rotuladas, de modo a perceber as ações que divergem do padrão como eventos positivos e necessários para a cidade.

A leitura, aprendizado e produção de conhecimento, a partir da experiência, desarticula um raciocínio a partir de lógicas e estratégias *prêt-a-porter*, que acolhem

> "A redução do homem a subjectum, a ponto arquimediano abstrato, [que] transfere definitivamente a experiência para fora do indivíduo encarnado, (...)" [que] "já não vive nada pessoalmente [...] e se dilui num sistema de fórmulas de significados possíveis", [como] escreve Musil, em O homem sem qualidades." (MATOS, 1996, p. 209)

A ação projetual abriga deste modo novos questionamentos que envolvem o corpo, a experiência, o indivíduo, aproximando-se de uma ação de resistência de modo a ir além de

um sentido cenográfico comum e observar as dinâmicas sociais e relações preexistentes do espaço. “Não se trata, pois, de se concentrar no aspecto ‘fotogênico’ do lugar, mas de buscar uma inovação na sua dimensão artística” (PALLAMIN, 2000, p. 9).

Evidencia-se a necessidade de meios alternativos de atuação no espaço, que não sejam necessariamente projetos ordenadores, mas sim intervenções pontuais, sensíveis e efêmeras. A potencialidade desta análise está, portanto, na possibilidade de transformação positiva de um território condicionado e na evidenciação das dinâmicas do corpo e experiências cotidianas como elementos sensíveis essenciais para um pensamento e uma atuação crítica e transdisciplinar, que exista de modo efetivo na cidade.

UM CONVITE AO DIÁLOGO

Porque, afinal, o que se propõe é a construção de outro lugar para as questões de Projeto de Arquitetura e Urbanismo e também de método de pesquisa. Pois, não se trata mais de combinar pesquisas com métodos e conceitos diferentes, mas de formar o arquiteto culto e, com as culturas, construir um novo aparato conceitual, metodológico e comportamental para a aproximação ao foco da Arquitetura e ao Urbanismo: a vida abrigada, a cidade e os cidadãos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*: desmanchando consensos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

ARGAN. Giulio Carlo. *El concepto del espacio arquitectónico desde el Barroco a nuestros días*. Curso NO Instituto Universitario de Historia de la Arquitectura de Tucumán, 1961; [ed. cast de L. Rainis]. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.

BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOUTINET, Jean-Pierre. *Antropologia do projeto*. São Paulo: Artmed Editora, 2002.

CERTEAU. Michel de (1990). *A invenção do cotidiano* – 1. Artes do fazer. 17ª. edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

FAVARETTO, Celso. *A invenção de Helio Oiticica*. São Paulo: Edusp, 2000.

GORELIK, Adrián. "Para una historia cultural de la 'ciudad latinoamericana'". In: *Congreso Latinoamericano de Estudios Urbanos*. Apresentado em 24 /08/11. Tradução livre.

JACQUES, Paola Berenstein, "Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade". In: JEUDY, Henri Pierre; JACQUES, Paola Berenstein (Orgs), *Corpos e cenários urbanos*. Territórios urbanos e políticas culturais, Salvador, EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

KOOLHAAS, Rem. "Espaço lixo". In: *Três textos sobre a cidade*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010, pp. 67-111.

KRAUSS, Rosalind (1979). "A escultura no campo ampliado". *Monoskop.org - wiki for collaborative studies of the arts, media and humanities*. Reedição Rosalind Krauss, a partir da tradução publicada no número 1 de Gávea, revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, da PUC-Rio, em 1984 (87-93), revista 17b.pmd, s/d, pp. 129-137.

LYOTARD J. F. *La fenomenología*, Barcelona: Paidós Ibérica, 1ª ed., 1989, pp. 31-32.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar, e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. Desmanchando consensos. Coleção Zero à esquerda, Petrópolis, Vozes, 2000.

MATOS, Olgária Chain Féres. "Descartes: o eu e o outro de si". In: Adauto Novaes (org.), *A crise da razão*, São Paulo: Cia das Letras; Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Funarte, 1996.

MERLEAU-PONTY Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

OITICICA, Helio. A obra, seu caráter objetual, o comportamento. In: OITICICA Hélio. "A obra, seu caráter objetal, comportamento". In: *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, pp. 118-123.

PALLAMIN, Vera Maria. *São Paulo, região central (1945-1998)*: obras de caráter temporário e permanente. São Paulo: Annablume, 2000.

PEIXOTO, Nelson Brissac. "Cidades desmedidas". In: NOVAES, Adauto (org.). *A crise da razão*, São Paulo: Cia. das letras; Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996, pp. 519-558.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Arte/cidade*: Zona leste: máquinas urbanas. Santiago de Compostela: Artedardo, 2011.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Integração e diferença em encontros disciplinares. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* vol. 22 nº. 65, Out2007.

SERRA, Richard. *Richard Serra*: escritos e entrevistas, 1967-2013. São Paulo: IMS, 2014. Heloisa Espada (org.).

SCHWARZ Roberto. "As ideias fora do lugar". In: *Estudos CEBRAP*, n. 3, jan. 1973, p.150-161.

VILLAC, M. I. "La construcción de la mirada. Naturaleza, Ciudad y Discurso en la Arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha". *Tese doutoral*. ETSAB | UPC, 2002.